

# A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA RETRATADA NAS OBRAS DE CÂNDIDO PORTINARI

OLIVEIRA, Keyla Andréa Santiago  
NOGUEIRA, Monique Andries  
Faculdade de Educação – UFG  
keylaandrea@yahoo.com.br

Palavras-chave: Concepção de infância, Cândido Portinari e representações iconográficas.

## 1- INTRODUÇÃO:

Atualmente, o entendimento do que é infância encontra-se em um patamar de indefinição e de incerteza. E essa questão é evidente na sociedade ocidental, que desde a era Medieval se reporta às crianças de maneira a simbolizar a história da formação humanidade, pois é vista sempre como um ser em desenvolvimento, a caminho de um ideal de “maturidade”. O próprio vocábulo **criança** tem o sentido de ingenuidade, imaturidade, que carrega a possibilidade de **criar**, de renovar os padrões e conceitos no futuro, como um “vir a ser”. Por meio da literatura, pintura, escultura, entre outras manifestações artísticas, podemos identificar as concepções de infância em voga.

Este trabalho pretende discutir as concepções de infância retratadas na iconografia em geral, como referência retirada das questões apontadas por Ariès, e mais especificamente nas obras de Cândido Portinari. Ressalto esse tipo de manifestação artística porque fornece elementos e sinaliza representações sobre o universo infantil de cada contexto sócio-histórico. Para realizar essa investigação, delinearei um breve histórico com as impressões de infância desde a época medieval, contando com o suporte teórico de autores como Ariès (1981), Charlot (1986) e Marcílio (1998). Todos eles trazem como tema central a criança e apontam discussões interessantes sobre a descoberta do sentimento de infância, a rejeição social da mesma e sua situação de abandono na conjuntura brasileira.

## 2- MATERIAL

É certo que a infância, como ideário social de um período inicial de vida, que vai do nascimento à puberdade, e suas concepções, assim como as crianças, seres humanos de pouca idade, “foram descobertas” em sua verdadeira essência e particularização, depois da instituição das sociedades, o que pode ser observado claramente na arte medieval, por volta do século XII, que, ou não demonstrava ainda interesse em representá-las ou as desconheciam por completo.

É também fato comprovado que a figura infantil recebeu a conotação da pureza, inocência, que passou a ser paparicada e preservada, até também receber um tratamento de isolamento nos colégios, em que a autoridade dos clérigos tentaria

adestrá-las, tentando separá-las do mundo dos adultos, o que pode ser comprovado com a frase de Ariès(1981, p.70) na qual expõe o pensamento de que “... a vida escolar prolonga a idade da infância”. De adultos em miniaturas a anjos, a criança passou a ser retratada com traços de realismo sentimental extrapolando as cenas religiosas.

Um fato interessante é levantado pelo autor: “ temos hoje, assim como no fim do século XIX uma tendência a separar o mundo das crianças do mundo dos adultos.” (Ariès, 1981, p.56) como sendo uma idéia arcaica, em contraposição ao sentimento moderno da infância, aqui entendido como algo novo, quase revolucionário.

Neste mesmo sentido, enfatizando o nascimento do sentimento da infância, Charlot (1986) atenta para o fato de que nem mesma a pedagogia considera a educação a partir da criança, o que explica e justifica ainda a representação da criança na iconografia do século XIII sem desvinculação como a religião, como anjos ou propriamente o menino Jesus.

Confunde-se, então, a origem histórica individual do homem com a idéia da natureza em termos biológicos e temporais, colocando-se especificamente “o tempo como dimensão específica da infância” (Charlot, 1986, p.100), visão empobrecida e limitada do universo infantil.

As significações ideológicas acerca das representações da infância são inúmeras, fruto da incerteza gerada pelo não-conhecimento da criança, o que se verifica pelas contradições que são atribuídas à sua natureza. Ela é segundo Charlot (1986), para o adulto e para a sociedade, ao mesmo tempo má e inocente, herdeira e inovadora, independente e dependente, perfeita e imperfeita.

É então um ser que parece carregar uma natureza dual tanto em relação ao adulto, quanto a própria sociedade, é contraditória, assim como a idéia da infância, mas impõe o fato de que “num meio inteiramente socializado, as determinações biológicas da infância tomam um sentido social, sem com isso perder sua significação biológica” (Charlot, 1986, p.105), o que não significa que a natureza infantil seja dupla.

Sua definição paira então nas alusões advindas da sociedade e do adulto, refletindo uma imagem construída por eles dessa criança e que é, ao mesmo tempo, a projeção do que pensam de si mesmos.

Para ele, ainda, a criança ocupa um papel marginal nas relações sociais, o que o faz concluir que

A criança é um ser socialmente rejeitado. É totalmente afastada dos circuitos de produção e não é considerada por nossas sociedades senão como consumidora ou como filha de consumidor. Não desempenha senão um papel marginal nas relações sociais ( Charlot, 1986, p.111) .

Concordando com Charlot (1986) neste sentido, Marcílio (1998) vem acrescentar que isso é um reflexo de toda uma conjuntura estrutural que desconsiderava a criança em todos os sentidos, tornando comuns as práticas, desde a antiguidade clássica, do abandono, aborto, venda de filhos e o infanticídio.

Mesmo em pleno século XXI ainda se observa a prática do abandono revestida de um assistencialismo que tenta reaver o suposto “incentivo” ao investimento para crianças carentes através do encaminhamento ao trabalho como

cursos técnicos e profissionalizantes. No Brasil, só na década de 50 se concretiza o banimento definitivo das Rodas.

Percebe-se então que a criança ganha reconhecimento social e até cultural e econômico na medida em que se torna conveniente para o Estado, para a sociedade e para o universo adulto.

Pode-se afirmar que, em termos de Brasil, ela esteja e está totalmente envolvida nos circuitos de produção, mas continua socialmente rejeitada e excluída, já que sua infância lhe está sendo negada cada vez mais e se transforma cada dia na mão-de-obra barata geradora de lucros.

Essa discussão de Charlot e Marcílio foi levantada em pleno século XX, período aproximado da realidade na qual as obras de Cândido Portinari, produzidas entre 1914 e 1962, ganharam maior expressão no cenário nacional. Este artista dedicou-se a explorar a temática “infância” em grande parte de seu acervo, num período caracterizado pelo Modernismo, mas que, no entanto, evidencia elementos tipicamente marcados pelo Romantismo quando a referência às crianças aparece muitas vezes como verdadeiros “anjos”, numa visão de ingenuidade e espontaneidade no jogo e na brincadeira infantil. Apesar de sofrer claramente a influência de pintores como Picasso e Segal, e criar posteriormente toda uma produção de cunho expressionista, Portinari se reserva de aceitar com facilidade a arte moderna e, em suas próprias palavras, afirma que a arte abstrata seria o mesmo que receber uma página cheia de números e cálculos por ocasião do pedido a um engenheiro da construção de uma ponte.

Algumas de suas obras, entre desenho e pinturas como “Menino com carneiro”, “Meninos soltando pipa”, “Mulher e crianças”, “Espantalho, pipas e balões”, “Menino com pipa”, “Três Marias”, “Menino plantando bananeira”, “Menino com pião”, “Menino com estilingue”, “Banda de Brodowski”, “Cabeça de menino com chapéu”, “Menino com cata-vento”, “Balões e pipas”, “Menino com arapuca”, “Brincadeiras de crianças”, “Meninos caçando passarinho”, “Carneirinho”, “Crianças brincando”, “Infância”, “Jogos infantis”, etc, são alguns exemplos da retratação da criança e o universo infantil carregado de uma conotação ingênua, de pureza, permeada por jogos e brincadeiras muitas vezes ambientados no meio rural.

## 2 – PROBLEMATIZAÇÃO

A crescente importância dada à personalidade da criança, então, num período de séculos (XIII ao XVII) se deveu, principalmente a uma cristianização das relações cotidianas. Hoje essa importância se modificou por intermédio da mídia e do comércio, principalmente, que transformam o tratamento à criança na miniaturização do adulto, ou seja, a criança, segundo Nogueira<sup>1</sup>, se caracteriza como modelo do adulto em miniatura e as relações infantis são tratadas fundamentalmente com vistas ao mercado financeiro.

As crianças são o alvo principal da mídia de uma forma geral, da indústria cinematográfica, discográfica, e até das redes de alimentação. São um produto direto da indústria cultural e a maior massa consumista que já se viu, bombardeada diariamente por estímulos diferenciados. São tratadas como inocentes, pueris, anjos em forma de gente, e ao mesmo tempo convivem num mundo da robótica,

---

<sup>1</sup>

dominando a tecnologia melhor que seus pais, e aquecendo um mercado que criou até mesmo um dia mundial para elas (20 de novembro) com iniciativas de atuação social, ao lado do tão famoso 12 de outubro e outras datas comemorativas puramente comerciais.

Analisando, então, o contexto apresentado, e levando em consideração a criança no século XX, as seguintes questões se fazem relevantes, pois nortearão o processo de investigação: Qual seria o caminho percorrido pelo conceito de infância? Qual seria ainda a trajetória da concepção de criança? Na sociedade do século XX existe uma concepção diferenciada destes elementos? Como as obras de Portinari podem servir de diálogo e apoio na discussão da criança e da concepção de infância no século XX? Existe uma concepção de infância retratada nas obras de Cândido Portinari? Quais os elementos na produção e vida do autor podem enriquecer a reflexão sobre a criança, a concepção de infância, e finalmente a educação?

### 3 – METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa será desenvolvido e ampliado nos pilares de uma pesquisa bibliográfica e documental, visto que, terá como apoio a análise de algumas obras de Cândido Portinari, bem como cartas e poemas escritos pelo pintor, buscando realizar uma análise crítica e relacionando essas obras com as concepções de infância discutidas ao longo do trabalho. As temáticas abordadas seguirão o seguinte percurso: discussão das concepções de infância, menções e referências à retratação da criança por Portinari, paralelos com a conjuntura atual e as implicações dessas discussões no contexto educativo formal.

Para tanto, ressaltarei as seguintes categorias: concepções de infância, conceito de criança, a perspectiva do adulto em relação à criança, educação, as representações iconográficas de Portinari.

### 4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2ª edição, 1986.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 1996.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil.1726-1950. (in) FREITAS, Marcos Cezar de Freitas (org). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2ª edição, 1997.

### 5 - BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, Mario de. *Portinari, amigo mio: cartas de Mario de Andrade a Candido Portinari*. Campinas, SP: Mercado de Letras – Autores Associados/Projeto Portinari, 1995.

BALBI, Marília. *O pintor do Brasil*. São Paulo: BOITEMPO EDITORIAL, 2003.

BROUGÈRE, Gilles. *A criança e a cultura lúdica* (in). KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org) . O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 1996.

\_\_\_\_\_. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1997.

CALLADO, Antonio. *Retrato de Portinari*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003.

FABRIS, Annateresa. *Cândido Portinari/ Annateresa Fabris*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

HEYWOOD, Colin. *Uma história de infância: da idade média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História Social da Criança Abandonada*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1998.